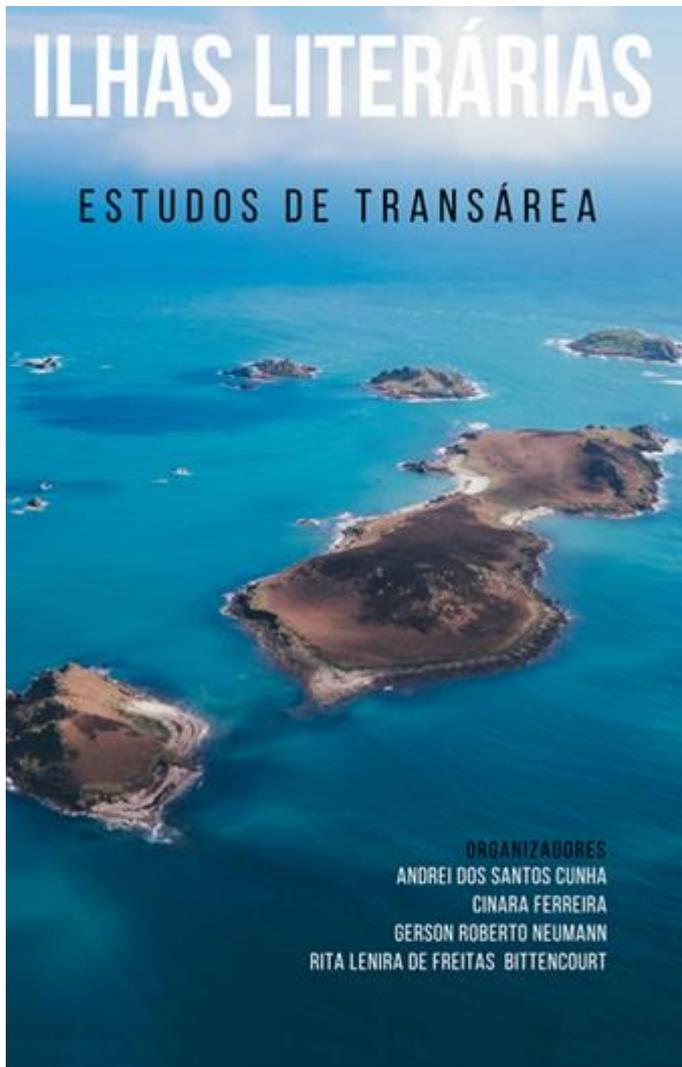


ILHAS LITERÁRIAS

ESTUDOS DE TRANSÁREA



ORGANIZADORES
ANDREI DOS SANTOS CUNHA
CINARA FERREIRA
GERSON ROBERTO NEUMANN
RITA LENIRA DE FREITAS BITTENCOURT



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Letras

Sérgio de Moura Menuzzi
Diretor

Beatriz Cerisara Gil
Vice-diretora

Conselho da Editora do Instituto de Letras

Lucia Rebello | Antonio Marcos Sanseverino | Regina Zilberman
Rita Terezinha Schmidt | Ana Zandwais | Pedro de Moraes Garcez
Sérgio de Moura Menuzzi | Rosalia Angelita Neumann Garcia
José Carlos Baracat Júnior | Luiz Carlos da Silva Schwindt | Félix Bugueño Miranda

ILHAS LITERÁRIAS: ESTUDOS DE TRANSÁREA

ISBN

Organizadores

Andrei dos Santos Cunha
Cinara Ferreira
Gerson Roberto Neumann
Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Revisão

Cláudia Fernanda Pavan
Gabriel Felipe Pautz Munsberg

Diagramação e editoração eletrônica

Fernanda Bernardes

Comissão Editorial

Luciana Wrege Rassler | Filipe Róger Vuaden | Ian Alexander | Monica Stefani | Luciane da Silva Alves | Carla
Luciane Klôs Schöninger | Monique Cunha de Araújo | Fidelainy Sousa Silva | Cinara Ferreira | Gerson
Roberto Neumann | Antônio Barros de Brito Jr. | Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch |
Rita Lenira de Freitas Bittencourt | Lucia Sá Rebello | Douglas Rosa da Silva | Fernanda Bernardes | Elizamari
Rodrigues Becker | André Winter Noble | Melissa Rubio dos Santos | Ana Luiza Nunes Almeida |
Rafael Eisinger Guimarães | Elaine Indrusiak

Instituto de Letras - UFRGS
Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43221
Porto Alegre, RS - 91540-000
Fone (51) 3308-6711, Fax (51) 3308-7303
iletras@ufrgs.br - www.ufrgs.br/iletras

**Das perdas, partidas e refúgios (im)possíveis: algumas notas sobre o exílio no romance
Mar Azul, de Paloma Vidal**

***Of losses, departures and (im)possible refuges: some notes on exile in the novel Mar Azul,
by Paloma Vidal***

Cristiane da Silva Alves¹

Abstract: *From the earliest times, the human being moves, travels, transits through different spaces and for different motivations. Displacement, however, is not always the result of personal will, of a voluntary act. Because of precariousness, fear or imposition of authoritarian regimes, many individuals are obliged to leave their country and move towards other lands. In the Latin American context, due to the dictatorships implanted, forced travel, expulsions, escapes and self-exiles intensified in the 1960s and 1970s. In Brazil and Argentina, as in other Southern Cone countries, a significant number of people had to leave their country and seek shelter in other parts of the world in an attempt to escape repression and violence. This forced departure, often unwanted, left countless fractures and marks that have crossed the years and continue echoing in the memory of those who were directly or indirectly affected. In the case of Paloma Vidal, a professor and writer born in Buenos Aires in 1975, the experience of the displacement occurred very early. With only two years of age, together with her family, she moved to Brazil. Since then, she has experienced other transits - she was raised in Rio de Janeiro, carried out part of her doctoral research in Los Angeles and currently lives in São Paulo - that somehow burst into her writing. In her novel Mar Azul (Rocco, 2012), the author lends her voice to an unnamed female narrator-protagonist who, when was a young woman, because of the dictatorial regime established in Argentina, had to come to Brazil, where has aged and from where she narrates. What is proposed in this study is to reflect on the exile and its unfolding in the story of the protagonist of Mar Azul, as well as to investigate to what extent the memory, the trauma and the silencing deriving from the dictatorial context cross the literary discourse. It also seeks to analyze whether and how their history connects itself with the historical-social process of the Latin American countries, especially Brazil and Argentina.*

Keywords: *contemporary literature, history, memory, dictatorship, exile.*

Resumo: Desde os tempos mais remotos, o ser humano se desloca, viaja, transita por diferentes espaços e por motivações diversas. O deslocamento, porém, nem sempre é resultado da vontade pessoal, de um ato voluntário. Por precariedade, medo ou imposição de regimes autoritários, muitos indivíduos são obrigados deixar o seu país e seguir em direção a outras terras. No contexto latino-americano, em razão das ditaduras implantadas, intensificaram-se, nas décadas de 1960 e 1970, as viagens forçadas, as expulsões, fugas e autoexílios. No Brasil e na Argentina, como em outros países do cone sul, um expressivo número de pessoas teve de abandonar seu país e buscar abrigo em outras partes do mundo, em uma tentativa de escapar da repressão e da violência. Essa partida forçada, não raro indesejada, deixou incontáveis fraturas e marcas que atravessaram os anos e seguem ecoando na memória daqueles que direta ou indiretamente foram afetados. No caso de Paloma Vidal, professora e escritora nascida em Buenos Aires, em 1975, a experiência do deslocamento se deu muito cedo. Com apenas dois anos de idade, juntamente com a família, ela mudou-se para o Brasil. Desde então, já vivenciou outros trânsitos – foi criada no Rio de Janeiro, fez parte de sua pesquisa de doutorado em Los Angeles e atualmente mora em São Paulo – que, de algum modo, irrompem em sua escrita. Em seu romance *Mar Azul* (Rocco, 2012), com efeito, a autora empresta a voz a uma narradora-protagonista não nomeada que, quando jovem, em razão do regime ditatorial instaurado na Argentina, teve de partir para o Brasil, lugar em que envelheceu e de onde narra. O que se propõe neste estudo é refletir acerca do exílio e dos seus desdobramentos na história da protagonista de *Mar Azul*, bem como investigar em que medida a memória, o trauma e o silenciamento decorrentes do contexto ditatorial atravessam o discurso literário. Busca-se, igualmente, analisar se e como seu relato se conecta com o processo histórico-social dos países latino-americanos, em especial do Brasil e da Argentina.

Palavras-Chave: *literatura contemporânea, história, memória, ditadura, exílio.*

¹ Doutora em Letras pela UFRGS. Professora Substituta de Literatura Brasileira e bolsista de Pós-Doutorado (PNPD-CAPES/MEC) nesta mesma instituição. E-mail: <cristianesalves@gmail.com>.

1 Introdução

Este trabalho é parte de um projeto mais amplo, de pesquisa de Pós-Doutorado (em andamento), intitulado “Mulheres velhas: seus lugares e papéis na literatura brasileira do início do século XXI”, que busca investigar a presença das mulheres velhas na literatura contemporânea, averiguando, especialmente, em que medida a voz dessas mulheres está presente e de que forma suas histórias se conectam com a história de outras personagens e/ou com o processo histórico-social do país.

Mar Azul, tomado aqui como objeto de análise, é o quarto livro ficcional e segundo romance da escritora e professora Paloma Vidal, nascida na Argentina, mas criada no Brasil desde os dois anos de idade. O livro, que se divide em duas partes, inicia-se com uma série de diálogos rápidos entre a protagonista (não nomeada no romance) e Vicky, sua melhor amiga, ambas adolescentes. Em meio a essas conversas, destaca-se o namoro da protagonista com um ex-aluno do Colégio Militar. Apesar das poucas informações a respeito do vínculo estabelecido entre ela e o rapaz, resta evidente que se trata de um relacionamento abusivo, marcado pelo medo e pela opressão, que culmina em um desfecho traumático. Conforme os diálogos vão sucedendo, revela-se a manipulação sofrida pela adolescente que, impotente, acaba vitimada por um estupro. O encerramento dessa primeira parte do livro, de tal modo, apresenta uma dentre as muitas perdas identificadas ao longo da obra. Neste caso, é a inocência que se perde – bem como a dinamicidade que os diálogos conferem à narrativa –, marcando o fim de um ciclo para a protagonista-narradora e, também, para o romance.

Quando se inicia a segunda parte do livro, verifica-se que houve uma grande passagem de tempo, acarretando mudanças na vida daquela que narra e, igualmente, no romance. O tom narrativo é outro, assim como o ritmo, acompanhando as transformações ocorridas com a protagonista-narradora que, então, não é mais uma adolescente ocupada com a amiga, com o namorado, com presilhas para o cabelo ou com calcinhas esquecidas no varal.

Conforme avança a narração, o leitor percebe que a adolescente ficou para trás e que, a partir de então, seguirá acompanhando o relato de uma senhora de setenta anos. Recolhida em sua solidão, a velha mulher registra fatos ocorridos no dia-a-dia, entre estes as suas caminhadas pela cidade, as idas à natação e, da mesma forma, alguns acontecimentos banais, corriqueiros, como lavar a louça, tomar banho, buscar a correspondência ou marcar uma consulta médica. As dores no corpo, os passos hesitantes, a vista cansada e outras evidências espalhadas pelo livro revelam a ação do tempo.

Ao longo do romance, contudo, para além da sua rotina de aposentada, dos males da velhice e das frequentes visitas a diferentes médicos, destacam-se outras questões, que vêm à tona quando a protagonista encontra alguns cadernos deixados pelo pai, cuja leitura irá reacender uma série de lembranças. A partir de então, o leitor toma conhecimento de fatos que dizem respeito não apenas à história individual da protagonista, mas à história de toda uma geração, marcada por episódios violentos e traumáticos que assolaram a América Latina na segunda metade do século XX.

Na narrativa de Paloma Vidal, ficção e fatos históricos se entrecruzam. Embora não sejam explicitamente mencionados os locais em que a trama decorre, diferentes pistas ao longo do livro possibilitam ao leitor deduzir que se passa inicialmente na Argentina e, posteriormente, no Brasil, local de onde a protagonista narra a sua história. O contexto ditatorial, a repressão, o temor e outros elementos são tomados da realidade e, ao adentrarem na ficção, interferem nos rumos que a vida das personagens irá tomar.

O que se propõe neste estudo, em especial, é refletir acerca da partida forçada a que teve de se submeter a protagonista de *Mar Azul*, bem como analisar os desdobramentos do exílio em sua história. Da mesma forma, busca-se investigar em que medida a memória, o trauma e o silenciamento decorrentes do contexto ditatorial atravessam o discurso literário.

Espera-se, ainda, analisar se e como seu relato se conecta com o processo histórico-social dos países latino-americanos, em especial do Brasil e da Argentina.

2 Por entre perdas e partidas

No que diz respeito à Argentina – que, conforme o leitor pode inferir, é o local de origem da narradora e, da mesma forma, onde decorreu sua infância e adolescência –, destaca-se no romance um período específico do contexto histórico daquele país, que principia em meados de 1955 e estende-se até 1976, época marcada por golpes militares e por governos ditatoriais. A tensão que se estabelece no país, entre outras motivações, implicará na partida do pai da protagonista, na década de 1950 e, posteriormente, na dela, nos anos de 1970, em uma viagem sem retorno.

É oportuno lembrar que em 1955 um Golpe de Estado, autodenominado “Revolução Libertadora”, ocorreu em solo argentino e resultou na derrocada do presidente Juan Domingo Perón e, também, na dissolução do Congresso Nacional. No romance *Mar Azul*, foi o período que antecedeu a partida definitiva do pai da protagonista, em 1956, por razões não suficientemente esclarecidas, que tanto podem ter sido de ordem política, profissional ou pessoal. Em um dos cadernos deixados por ele, a que a protagonista somente terá acesso muitos anos depois, após a morte do pai, pode-se ler: “1956: nuestra historia es un conjunto de malentendidos. 1956: fusilamientos de José León Suárez. 1956: Plano de Metas. 1956: me siento incómodo dentro de mi propia piel.” (VIDAL, 2012, p. 162).²

Parece que o descontentamento, ou antes, o assombro com os rumos que seu país tomava, aliado à oportunidade de participar da construção da nova capital de outro país (por dedução, o Brasil), levaram o homem, que era engenheiro, a empreender aquela que seria uma partida sem volta. Ao que tudo indica, ele perdera a confiança, ou antes, a esperança em seu país de origem. A exata motivação para que tenha abandonado sua pátria para não mais regressar, porém, permanece em suspenso, como tudo o que lhe dizia respeito:

Para mim meu pai era uma pergunta. Que eu tenha me acostumado com essa forma de suspensão talvez seja o dado mais singular da minha infância. Mas houve um momento em que soube e aceitei que a resposta não viria; que meu pai não viria, não retornaria para me encontrar; que ele havia abandonado sua cidade para sempre, supondo que isso, a existência naquelas ruas, naquele bairro, entre casas baixas e desiguais, com meninas que à tarde se sentavam para esperar o tempo passar, entre um carro esporádico e outro, um velho indo ao armazém, uma bicicleta oscilante nas calçadas rotas, supondo que isso fosse para ele uma realidade em que ele se reconhecia. Supondo isso sem saber. (VIDAL, 2012, p. 61-62)

Talvez fosse justamente por não mais se reconhecer naquele país em que se iam alastrando o autoritarismo e a violência, que tenha o pai da protagonista preferido concentrar seus esforços em outro local, em terras que, àquela época, eram plenas de promessas, com um projeto de governo ambicioso, moderno, em que o progresso era a palavra de ordem³. Isto se

² Uma das anotações do pai da protagonista, em especial, ajuda-nos a compreender a situação nefasta em que a Argentina havia mergulhado após o Golpe. Os “fusilamientos de José León Suárez”, a que o texto ficcional se refere, dizem respeito a um episódio atroz perpetrado pela ditadura, que ainda ecoa na memória dos argentinos. Na madrugada de 09 para 10 de junho de 1956, foi ordenada a execução clandestina de doze civis, detidos algumas horas antes. Sem acusação formal e sem direito à defesa, foram todos conduzidos até um depósito de lixo, na região metropolitana de Buenos Aires, onde foram baleados. Sete deles conseguiram escapar.

³ Mais uma vez tomando o contexto histórico como referência, vale lembrar que no período de 1956 a 1961 o Brasil foi governado por Juscelino Kubitschek que, ainda em época de campanha eleitoral, prometera mudar a sede do governo e construir uma nova capital, como de fato fez – Brasília foi inaugurada aos 21 de abril de 1960. Além disso, no que diz respeito à economia, seu lema era “cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo”. Para tanto, foi criado o Plano de Metas que previa a expansão do setor industrial, com vistas a uma

pode supor, mas sem qualquer certeza. Nada havia nas cartas que o pai lhe enviava e, tampouco, nos cadernos que ele havia deixado, que evidenciasse as verdadeiras razões pelas quais teria abandonado seu país, seus amigos e, principalmente, a filha.

Os motivos pelos quais a protagonista deixaria o país, vinte anos depois, são mais explícitos. Cumpre lembrar que em 1976 foi instalado na Argentina o Regime Militar que se denominou “Processo de Reorganização Nacional”, e caracterizou-se por forte repressão e perseguição aos seus opositores, deixando um rastro de mortos e desaparecidos. Elda González Martínez (2009), a respeito da situação a que foram submetidos os argentinos à época, e que resultou na saída de milhares de pessoas em direção a outros países, comenta que a história do exílio naquele período difere de qualquer outro processo de emigração argentina e, além disso, se insere em um processo repressivo muito mais amplo do que em outras repúblicas Ibero-americanas. Conforme afirma a pesquisadora, depois do golpe de 24 de março de 1976, que derrubou a viúva de Perón,

se instrumentó una represión sistemática y organizada sobre diferentes sectores de la sociedad argentina: militantes políticos y sindicales, obreros y estudiantes fueron objeto de sus prácticas terroristas. Una de ellas fue la implementación de un sistema de desaparición de personas. Eliminando al “enemigo”, no sólo se erradicaba la subversión y garantizaban el orden interno, sino que, – a través del terror – la Junta militar imponía sus reglas a la sociedad argentina. (GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2009, p. 2-3)

Na narrativa de Paloma Vidal, o acontecimento histórico se articula ao texto ficcional e toma forma através de mais uma perda, então relacionada à amiga de infância, confidente e companheira de apartamento da protagonista, que sumiu misteriosamente: “Vicky desapareceu no dia 26 de junho de 1976. [...] Ela me ligou de manhã mais cedo do que de costume e me disse que estava com medo.” (VIDAL, 2012, p. 77). O desaparecimento de Vicky, associado à atmosfera de temor e incerteza do período, é determinante para que a protagonista abandone seu país, partindo rumo ao desconhecido: “Três meses depois do desaparecimento de Vicky, peguei um ônibus na rodoviária e segui um trajeto incerto para o norte. [...] Eu me sentia completamente vazia e o vento podia ter me levado em vez daquele ônibus.” (VIDAL, 2012, p. 89). O modo como ela se define por ocasião da partida, destacando a sensação de vazio que a acompanha, aproxima-se da descrição de Júlia Kristeva a respeito do estrangeiro e dos sentimentos que o invadem quando afastado de suas raízes:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um sursis, de ter escapado. (KRISTEVA, 1994, p. 15)

O não-pertencimento, o desenraizamento, a falta de referências e, especialmente, a incerteza, são marcas comuns entre aqueles que, por diferentes motivos, são forçados a deixar para trás os vínculos e projetos que foram construindo ao longo da vida. Sua segurança, seus planos, sonhos e afetos, repentinamente, são extirpados e deixam, em seu lugar, um espaço vago, um oco que se torna companhia constante e com o qual é preciso aprender a conviver.

Na narrativa de Paloma Vidal, vale notar, o vazio de que se reveste a protagonista a partir de sua viagem reflete-se no texto ficcional; de tal modo, há pouquíssimas informações acerca de como transcorreu a sua vida desde a chegada ao Brasil até o momento em que,

aceleração do crescimento e do desenvolvimento econômico brasileiro, e que também logrou êxito (muito embora tenha acarretado vários problemas em longo prazo, entre eles o aumento da dívida externa).

velha e aposentada, ela dá início à narração. O leitor se vê diante de uma narrativa fragmentada, em que abundam silêncios e perguntas sem respostas.

Quando algum acontecimento diverso das ocorrências habituais vem à tona, em geral está relacionado ao período anterior à sua chegada em terras brasileiras. Avultam, então, passagens da juventude, pessoas e momentos marcantes, instantes felizes e lembranças de quando ainda havia a possibilidade de experimentá-los. Também sobressaem ausências, perdas, traumas e sofrimentos que, uma vez revisitados, expõem feridas que parecem fadadas a não cicatrizarem, angústias e marcas do exílio que, como bem lembra Edward Said,

é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. (SAID, 2003, p. 46)

No que diz respeito à protagonista de *Mar Azul*, os esforços empreendidos para estancar essa dor são visíveis, especialmente, pelo modo como ela se dedica aos afazeres cotidianos. Apegar-se tão obstinadamente à rotina, deter-se nas tarefas domésticas ou nos problemas corriqueiros parece, em seu caso, uma válvula de escape por ela engendrada a fim de bloquear a memória, buscando impedir que certas lembranças venham à tona, posto que dolorosas. O contato com os cadernos do pai, entretanto, desperta suas reminiscências de tal modo que nem mesmo as atividades diárias servem de refúgio.

Naqueles cadernos, que o pai cuidou de preencher ao longo dos anos, constam registros que ele foi tecendo na tentativa de prevenir o apagamento da memória que, adocida, se deteriorava de maneira irreversível. Curiosamente, o verso das páginas foi deixado em branco, talvez como forma de marcar as ausências, os esquecimentos que o assombravam dia após dia. Brancos, vazios e enigmáticos, aqueles espaços por entre as páginas restariam como parte de uma história interrompida ou mal contada, ou antes, como se estivessem à espera de preenchimentos que só viriam muito tempo depois, quando chegassem às mãos da filha.

As páginas não completadas dos cadernos também reforçam, de certo modo, o caráter lacunar da história que, em se tratando de um contexto ditatorial, implica quase sempre em incontornáveis dificuldades de narrar o vivido e/ou recompor aquilo que se perdeu. Não seria demais lembrar, neste caso, das reflexões de Walter Benjamin que, em seu conhecido ensaio “Experiência e pobreza” (1933), recorda o contexto do pós-guerra, quando era possível observar que “os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos.” (BENJAMIN, 1994, p. 114-115). Diante do choque, da brutalidade vivenciada e da desilusão daí advinda, emudeciam.

No romance de Paloma Vidal, como se sabe, quando o pai da protagonista partiu, em 1956, já se alastrara pelo país uma série de práticas violentas e repressivas, incluindo desaparecimentos e execuções – uma delas mencionada nos cadernos que ele deixou. Além disso, apesar da ausência de detalhes, sabe-se que seu pai fazia bem mais do que desempenhar o trabalho de engenheiro e, paralelamente, de tradutor; para além das suas atividades regulares, havia algo de clandestino, conforme lembra a protagonista: “Havia algo nos seus amigos e nas reuniões noturnas sob nuvens de fumaça; na forma como falavam da situação do país com prognósticos soturnos; e baixavam a voz como conspiradores, enquanto preparavam uma jogada de xadrez.” (VIDAL, 2012, p. 105).

Conhecendo o contexto histórico-político da Argentina à época, não é difícil imaginar que aquelas reuniões, acaso descobertas, teriam um final trágico. Assim como o episódio dos “fusilamientos de José León Suárez” que, mesmo de maneira sutil, está presente no texto ficcional, a ocorrência de outros eventos semelhantes – que, como se tem notícia, de fato

sucederam naquele país – poderia ter atingido um ou mais membros do grupo a que o pai da protagonista pertencia. Se assim fosse, estaria explicado o seu silêncio, uma vez que o abalo seria suficientemente forte para, não apenas precipitar sua partida, como também marcá-lo profundamente, a ponto de não conseguir externar o ocorrido.

Para a protagonista (e para o leitor), contudo, a partida do pai e, principalmente, o seu não retorno, permanece uma incógnita, uma passagem importante e, ao mesmo tempo, enigmática, da qual a filha foi excluída. Ao escrever por detrás das páginas do pai, forçando de algum modo sua presença na vida do homem que a deixara para trás, ela parece tentar restaurar (ou forjar) o vínculo entre ambos, mas só consegue imergir ainda mais em vazios e silêncios que, afinal, já fazem parte de sua trajetória há muito tempo. Sua vida, desde o início, parece fadada à solidão. Sem conhecer a própria mãe, deixada na adolescência aos cuidados da mãe de Vicky, de quem era vizinha, ela foi apartada muito cedo do convívio e da história paterna. Por anos, ficou à espera de um retorno que não ocorreu ao mesmo tempo em que tentava, em vão, compreender as motivações para o afastamento físico e emocional que o pai lhe impunha e que nem mesmo a correspondência cuidava de abrandar: “Por que ele me escrevia a máquina era algo que eu não conseguia entender. Me parecia mais um sinal de distanciamento premeditado, de um desafeto que apenas confirmava de modo muito tangível que sua longa ausência era voluntária.” (VIDAL, 2012, p. 56).

O único meio de cobrar o seu lugar e fazer-se de alguma forma presente é através das páginas daqueles cadernos, em uma escrita que embora insinue a estrutura de um diário, não se prende a tal classificação: “Isso não é um diário, nem uma carta, nem uma autobiografia, nem qualquer outro modo de escrita íntima. Só escrevo porque ele escreveu do outro lado.” (VIDAL, 2012, p. 74). Uma vez que o pai está morto e não há possibilidade de recuperar qualquer laço, resta apenas a tentativa de completar as lacunas deixadas pela ausência dele, pelo distanciamento que ele guardou ao longo dos anos e que a filha tenta entender enquanto registra os próprios dias. Utilizar-se dos cadernos deixados pelo pai, do verso das folhas escritas por ele, parece, assim, uma forma simbólica de retomar a relação interrompida. Colar sua história àquela vivida por ele, ocupar um lugar por entre as páginas que o pai deixou, mostra-se como recurso para tentar resgatar a sua participação na vida daquele homem, aplacando de algum modo o sentimento de orfandade e a solidão que a acompanham há tempos, mesmo antes de se exilar:

Meu pai estava sempre de partida. Então quando partiu de vez foi apenas mais uma. Porque antes de vir para cá ele foi para “o sul” e depois para “o interior”. Ele dava nomes assim, vagos, aos lugares e às vezes indicava datas. Foi só ao perceber que daquela vez ele não havia precisado nada que comecei minha aprendizagem da solidão [...]. (VIDAL, 2012, p. 104)

A solidão, a propósito, não foi a única aprendizagem a que a protagonista deu início e que ajudou, mais tarde, a minimizar o impacto do exílio. Conforme a política endurecia e aumentava o sentimento de insegurança em relação à permanência no país, ela começou a se organizar, antevendo a necessidade de partir e, logo, de acostumar-se a outro idioma:

O horror ia tomando conta das coisas, das pessoas, das praças, dos carros, até dos animais da rua, que me pareciam mais avessos ao contato com os humanos, e eu ia pensando na partida. Ia me preparando. Chegaria um dia em que teríamos que partir. Pensava no plural, como há tantos anos fazia. Inscrevi a Vicky e a mim num curso de línguas. Havia algumas opções: as mais óbvias, francês, inglês e italiano, mas também, português, por que não? Vicky queria Russo. Disse a ela que era sério. Que tínhamos que contar com a possibilidade de precisar de um idioma estrangeiro. Ela nunca apareceu. (VIDAL, 2012, p. 92)

Preocupada com o que estava por vir, a protagonista se dispôs a conhecer e, à medida do possível, dominar outra língua que, posteriormente, seria o seu elo com o novo país, com aquele lugar ainda desconhecido que, em breve, lhe serviria de abrigo quando já não fosse possível permanecer em sua própria terra. Para o pai, contrariamente, uma vez que não teve a oportunidade de se preparar, a língua seria sempre uma barreira, especialmente ao final da vida, já velho e com a perda da memória a obstaculizar ainda mais.

3 Em busca de refúgios (im)possíveis

No caso da protagonista, o aprendizado de uma língua nova foi o primeiro passo em direção a um possível refúgio, cuja busca parecia cada vez mais necessária. Conhecer outro idioma não apenas ajudaria a integrá-la ao novo país, mas, também, parece ter tido um papel auxiliar, posteriormente, em sua tentativa de evitar as lembranças dolorosas que a língua materna acionava. Afinal, sua língua de origem era aquela com a qual ela se comunicava com o pai que a deixara; era a língua com que fazia confidências à Vicky, a amiga desaparecida; a mesma língua que aprendera a silenciar. Pensar e escrever em outro idioma, de certa forma, servia como uma espécie de escudo, ajudando-a a aplacar certas lembranças da juventude e a dor que as acompanhava.

Não se pode deixar de notar, contudo, que o fato de se preparar para a partida que, conforme a protagonista antevia, teve de ser empreendida, não evitou o seu sofrimento e, especialmente, não impediu que arrastasse consigo uma sensação indefinida e inquietante, beirando à culpa, em relação à amiga desaparecida. Isso resta claro em certo momento da narrativa, quando a narradora expõe uma das tantas questões que a atormentam: “Houve algo que não fiz para que ela sobrevivesse? [...] Talvez eu sinta mais inveja do que culpa. Sua vida foi curta e arrebatada. O que sei é que até o dia de hoje seu sorriso me faz falta.” (VIDAL, 2012, p. 141). Ter escapado a um destino trágico, diferentemente da amiga, embora seja razão de alívio, também a perturba, interfere em sua compreensão acerca do que se passou, ou de como ela poderia/deveria ter agido à época. É oportuno observar, neste caso, o que diz Denise Rollemberg sobre aqueles que se exilam e obtêm, assim, a chance de continuar a viver:

O exilado pode ser marcado pelo sentimento de culpa, em relação aos que não sobreviveram. Muitas vezes, define-se mesmo como *sobrevivente*, figura bastante ambígua: feliz porque não desapareceu numa situação ameaçadora, onde tantos sucumbiram, mas infeliz exatamente por isto, por estas ausências, pela culpa que carrega. O argumento racional, segundo o qual sua morte não mudaria em nada a sorte dos outros é inútil. A angústia e a opressão desta sensação podem criar problemas psicológicos, dificultando a vida no exílio. A sobrevivência chega a ser percebida como uma acusação dos mortos, que é, na verdade, uma acusação a si mesmo. É um insulto à morte dos que não sobreviveram. A sobrevivência é a *deserção*. (ROLLEMBERG, 1999, p. 32-33)

Essa deserção a que se refere Rollemberg, de certa maneira, foi observada pelo pai da protagonista que, ao saber que ela deixou o país após o desaparecimento de Vicky, em lugar de dirigir-lhe alguma palavra de conforto, foi bastante duro no curto diálogo que mantiveram, recriminando e tratando como fuga a partida da filha:

Imagino que ele sofreu por mim, por Vicky, pela mãe dela. O sofrimento pode ter sido insuportável, pois ele ficou alguns minutos em silêncio quando contei, eu mesma com um fio de voz, sobre o desaparecimento da minha amiga. Quando falou, foi incapaz de me consolar. Foi tão duro comigo como era com ele. Disse que eu não deveria ter fugido e desligou. (VIDAL, 2012, p. 162)

Apesar das muitas lacunas do texto, da ausência de maiores referências acerca da vivência do pai no Brasil, é possível encontrar explicação para a dureza de que ele se reveste e

da sua impossibilidade de confortar a filha. Uma vez mais, é válido buscar auxílio no contexto histórico que, embora não esteja diretamente mencionado na narrativa ficcional, atravessa-a e ajuda na compreensão de seus rumos. Há que se lembrar, neste caso, que quando a protagonista partiu para o Brasil, vinte anos depois do pai, o encanto com o Brasil democrático e desenvolvimentista, a euforia e a utopia que pairavam quando da chegada dele, há muito se tinham desfeito. O que veio depois do governo JK estava longe de ser a continuação de um sonho, antes se transformando em pesadelo.

Nos anos que se seguiram à construção de Brasília, com efeito, nosso país enfrentou sérias crises e, não obstante, adentrou, assim como a Argentina e outros países do Cone Sul, em uma era de governos ditatoriais, marcados pela repressão, pela violência e pela perseguição, forçando muitas pessoas a deixarem o país, a fim de se salvaguardar. Neste aspecto, conforme aponta Denise Rollemberg (1999, p. 47), “O *slogan* do governo Médici, “Brasil, ame-o ou deixe-o” é emblemático.”. A era brasileira conhecida como “anos dourados” tinha acabado. Os tempos, então, eram duros. Aqueles que aqui permaneciam acabavam também por endurecer.

A crer-se que o pai da protagonista tenha abandonado seu país em busca de um lugar mais promissor e com maior liberdade política, como parece ter sido o caso, há que se imaginar a sua frustração e a sua agonia ao se deparar, alguns anos depois, com um contexto semelhante ao que deixara para trás. A derrota não era apenas pessoal, como também não se limitava ao seu país, antes se alastrava pela América Latina. Não por acaso, quando a protagonista visita a cidade que o pai ajudara a planejar e onde decidira morar, a moça do apartamento vizinho ao dele comenta que “o que no início havia sido uma decisão o passar dos anos havia transformado numa espécie de exílio dentro do exílio.” (VIDAL, 2012, p. 153). O isolamento, assim como o endurecimento, parece ter sido seu refúgio, seu meio para seguir vivendo, para continuar de pé apesar da desilusão. Não é errôneo pensar, pois, que a dureza exibida por aquele homem fosse apenas uma carapaça a encobrir o próprio desamparo. É Júlia Kristeva quem afirma, a respeito do estrangeiro, que

A dura indiferença talvez seja somente a face confessável da nostalgia. Conhecemos o estrangeiro que chora eternamente o seu país perdido. Enamorado melancólico de um espaço perdido, na verdade ele não se consola é por ter abandonado uma época de sua vida. O paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada. Ele sabe disso com o saber desolado dos que desviam a raiva dos outros (porque sempre existe um outro, uma causa ruim do meu exílio) contra si mesmo: “Como pude abandoná-los? Eu mesmo me abandonei”. (KRISTEVA, 1994, p. 17)

Há que se considerar, ainda, que ao acusar a filha de ter fugido, o pai possivelmente desconhecia o fardo que ela carregava e os riscos que corria em seu país. Ele decerto não sabia da violência cometida por R, o ex-namorado do Colégio Militar, e da ameaça que ele representava. Também não devia saber do temor que aquele rapaz inspirava, de tal modo que, mesmo na velhice, ela seria incapaz de escrever seu nome. Da mesma forma, o pai devia ignorar que, para ir ao seu encontro, a filha deixara para trás uma promessa – talvez a única – de felicidade. O pai por certo não sabia que ela havia recusado o convite para seguir Luis, um rapaz que conheceu no ônibus e que desceu em uma cidade de mar azul, levando com ele a esperança e o amor que, por algumas horas, ela se permitiu sentir. É pouco provável, ainda, que o pai soubesse que naquela viagem ela e Luis tinham gerado um filho, que ela não pôde ter, que não pôde nem mesmo querer:

[...] se eu contasse a sucessão de fatos alguém poderia me dizer que eu não quis ter um filho. Mas e quando não é possível querer? O desejo também precisa de preparação.

Também há nele uma espera. No meu caso o tempo não o favoreceu e eu só pude me dar conta tardiamente de que teria sido bom querer. (VIDAL, 2012, p. 103)

E, mesmo que o pai conhecesse toda a sua desventura, todas as perdas que a filha carregava na bagagem, até que ponto estaria preparado para oferecer-lhe alguma acolhida, à medida que ele talvez estivesse igualmente perdido? Não é de todo espantoso, pois, que ele tenha sido incapaz de confortá-la. Ao tomar contato com a filha, por certo lembrara, não sem sofrimento, que ele também havia “desertado”; que empreendera uma partida sem retorno, escapando de um enfrentamento em sua terra natal. E para quê? Para acabar imerso em um cenário que, embora novo, repetia a tensão, o autoritarismo e a brutalidade que ele conhecera em seu país de origem.

Seja como for, sabe-se apenas que, apesar de ainda ter o pai vivo, a protagonista seria marcada pela orfandade, sensação que há tempos conhecia e com a qual, quisesse ou não, teria de se habituar. Solitária, vazia, ausentes quaisquer bases seguras, era preciso, ainda, encontrar forças, resistir, continuar vivendo. E assim fez. Instalou-se, prosseguiu, atuou como professora universitária, envelheceu, aposentou-se e deixou-se ficar. É tudo o que se sabe. Dos momentos passados ao longo dos anos, das relações estabelecidas, dos rompimentos, das alegrias, tristezas, sucessos ou derrotas, não há qualquer menção.

O romance de Paloma Vidal se desdobra entre a adolescência e a velhice da protagonista-narradora, sem disponibilizar ao leitor qualquer referência à sua vida adulta, que segue imersa em uma grande lacuna. É como se o tempo decorrido entre os anos de juventude e a idade avançada não existisse, ou antes, como se tivesse transcorrido sem qualquer fato relevante, cercado apenas pela rotina, pela imersão em atividades corriqueiras. Parece que o “intervalo” entre a mocidade e a maturidade foi transposto, mas não propriamente vivenciado.

Com exceção das descrições acerca de sua rotina, dos acontecimentos cotidianos que acompanham sua velhice, sobram apenas fragmentos, retalhos de sua história que servem somente para evidenciar ainda mais o silêncio e o vazio que acometem aquela mulher. Pouco se pode deduzir, além do fato de que se trata de mais uma vida despedaçada, estilhaçada pelos acontecimentos, de tal modo que, mesmo passado muito tempo, não é capaz de se reconstituir inteiramente, nem mesmo como objeto de escrita.

4 Considerações finais

Entre as afinidades percebidas em alguns romances ficcionais contemporâneos⁴ que apresentam narradores de idade avançada destaca-se, entre outras, a fragmentação da narrativa, uma característica presente em outras épocas, mas que parece ter se acentuado nas primeiras décadas deste novo século. A senilidade, a doença ou o sofrimento acarretado por determinadas lembranças, ocasionam, assim, a quebra da linearidade, resultando em uma espécie de quebra-cabeça, em uma história repleta de lacunas, em que ou faltam pedaços, ou nem todas as peças combinam entre si. Com a mesma facilidade, ideias se ajustam e desajustam, escondem-se, deslocam-se; temporalidades distintas se alternam, mistura-se o passado ao presente e segue o leitor confundido, tentando desvendar os enigmas do texto.

Em *Mar Azul*, com efeito, a fragmentação da memória e, por conseguinte, da narrativa, é presente, podendo-se observar, contudo, que tal ocorrência não se deve unicamente ao fato de a narradora escolhida ser uma mulher de idade avançada – embora isto colabore para tal. Apesar das escassas referências ao longo do romance, não é difícil supor que a incapacidade de recompor os acontecimentos, para além do desgaste da memória em razão da idade, diz respeito a um sofrimento insuperável, que inibe o acesso ao vivido e,

⁴ Cito, apenas para exemplificar, os romances *Heranças* (2008), de Silvano Santiago, *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum, *O arroz de Palma* (2008), de Francisco Azevedo, *Milamor* (2008), de Livia Garcia-Roza, *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, entre outros.

especialmente, impossibilita sua tradução em palavras; é visível o despedaçamento daquela que narra e, do mesmo modo, daquilo que é narrado.

Conforme a narrativa avança, mais se reforça a sensação de que, uma vez exilada, o padecimento da protagonista é inevitável. Além disso, agrava-se a situação quando, velha e aposentada, sobra-lhe tempo para pensar e, ainda, depara-se com os cadernos deixados pelo pai. Seus registros, mesmo que não tragam maiores detalhes acerca do longo tempo em que viveu apartado da filha, são suficientes para acionar a memória da protagonista e conduzi-la para tempos e pessoas que se foram.

Acaso tivesse encontrado os cadernos do pai quando era mais jovem, à época em que ainda desempenhava suas atividades profissionais, talvez se abalasse menos, empenhada que estava com seus compromissos. É oportuno lembrar, neste caso, a lição de Ecléa Bosi, que afirma que “o homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado.” (BOSI, 2009, p. 63). O trabalho, assim, funcionaria como “proteção”, como meio de defesa ante as lembranças dolorosas.

O encontro com os registros do pai, contudo, deu-se tardiamente. Ao se deparar com os cadernos e, conseqüentemente, com as lembranças por eles evocadas, já não há ocupações tão sérias que possam desviar-lhe a atenção. Velha e solitária, não há impedimentos para que sua mente se volte para o passado e se entregue à reminiscência. Mais do que as fragilidades do corpo, ocasionadas pela velhice, sobressaem, então, as fragilidades da alma, atormentada pelas perdas e traumas cuja lembrança, uma vez acionada, parece incapaz de ser contida. O único modo de libertar-se é enfrentar o passado, narrá-lo de modo a expurgar as suas dores. Mas como contar o indizível?

- A gente podia fazer uma peça.
- E encenar na escola.
- Pro padre, as irmãs e as meninas.
- Você faria o meu papel?
- E você escreveria? (VIDAL, 2012, p. 173)

Paloma Vidal soluciona a questão na última página do romance, devolvendo-lhe a estrutura inicial, em forma de diálogo. Retoma, assim, a adolescência da protagonista, quando a solidão era menor; um tempo em que ela ainda podia compartilhar suas alegrias, suas dúvidas e suas angústias; quando transformar em texto os seus pequenos ou grandes dramas era uma possibilidade. Fica sugerido, assim, que o tempo se foi, como também as pessoas queridas, mas a escrita e a sua possibilidade permanece. O que não pode ser esquecido, mas não é passível de expressar de modo natural, há de ser sussurrado ao papel. Se não é possível recompor-se, resta reinventar-se. A história não pode ser apagada e, tampouco, refeita, mas a escrita não dá conta apenas do real e do inteiro; é possível fazer-se personagem; fazer-se outra, diluir a (dura e doída) verdade sem, no entanto, apagá-la. É o que resta à protagonista de *Mar Azul*: mergulhar por entre as palavras e deixar-se levar, como quem adentra em um mar calmo e segue o fluxo, abandonando-se e permitindo-se, ainda que por breves instantes, ser leve, deixando-se envolver pelas águas até aconchegar-se – finalmente – em sua paz.

Referências:

- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ESPECIAL Brasília 50 Anos. **Revista Veja**, São Paulo, ano 42, n. 2138, nov. 2009.
Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/revistas/A_revista_veja.pdf>.
Acesso em: 19 out. 2017.

GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Elda. *Buscar un refugio para recomponer la vida: el exilio argentino de los años '70*. **DEP. Deportate, esuli, profughe. Rivista Telematica di studi sulla memoria femminile**, n. 11, 2009. Disponível em:
<http://www.unive.it/media/allegato/dep/n_1speciale/01_Gonzalez.pdf>. Acesso em:
19 out. 2017.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio: entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

VIDAL, Paloma. **Mar azul**. Rocco, 2012.